



(RE) EXISTIR PARA RESISTIR NA SINDEMIA DE COVID-19: BIBLIOTECA COMUNITÁRIA MIRO CAIRO

Mickelle Xavier Santos

Universidade Federal da Bahia – UFBA (Brasil)

Endereço eletrônico: mickellexsantos@gmail.com

Bombardeados repetidamente com notícias de mortes ocasionadas pela COVID-19, doença de elevada transmissibilidade causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, encontramos um contexto político fragilizado, com políticas públicas desencontradas, agravando as mazelas sociais e as desigualdades que historicamente fragilizam as condições de vida da maior parte da população brasileira. Começamos a questionar as condições de existência que nos são impostas e, ao mesmo tempo, tentamos buscar alternativas para esse existir.

“Penso, logo existo” é a célebre frase de René Descartes (1596-1650), filósofo matemático francês que acreditava que tudo poderia ser explicado pela matemática. O pensamento humano, segundo o filósofo, era mecanicista, um pensamento racional, organizado e coerente, e o paradigma de Descartes, ou cartesiano, influenciou nossa forma de produzir conhecimento sobre o mundo e sobre nós mesmos. No final do século XIX, a corrente filosófica existencialista propõe outro paradigma, segundo o qual os seres humanos precisam ser analisados como um todo, como seres completos e não pela divisão corpo e mente. Portanto, não se poderia classificar, quantificar, ou dividir razão e emoção. Com a filosofia africana, ainda pouco explorada pela ciência ocidental, conhecemos a existência ubuntu: um jeito de viver de forma compartilhada, um existir policêntrico, junto com outras pessoas, uma existência comunitária. Ubuntu nos mostra que nosso ser-estar no mundo se dá na relação com as pessoas que estão à nossa volta. Ubuntu é o que somos na relação com as pessoas e não o que somos na opinião delas.

Entender essa diferença é crucial, principalmente porque estamos convivendo com uma doença de alcance mundial cujos efeitos agravaram os problemas sociais. Diante disso, Richard Horton (2020), escritor, médico e professor no Reino Unido, insiste na necessidade de compreender a COVID como uma sindemia. Ele retoma esse conceito cunhado na década de 90 por Merill Singer, ao destacar que sindemias são interações biológicas e sociais que aumentam os riscos de agravamento das condições de saúde de uma pessoa ou um grupo, devido às suas condições de vida. Horton (2020), ao estudar os efeitos da COVID-19 no mundo, mostra a interação entre a síndrome

1

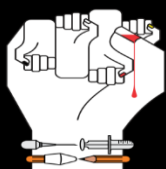


respiratória grave e uma variedade de outras doenças - fisiológicas psiquiátricas ou emocionais - recorrentes em grupos sociais vulnerabilizados pela desigualdade social. Nesse sentido, “abordar a COVID-19 como uma sindemia irá convidar a uma visão mais ampla, abrangendo educação, emprego, habitação, alimentação e meio ambiente” (HORTON, 2020).

As tecnologias em rede foram a saída encontrada para diminuir distâncias e dar continuidade à vida diária, a transição do trabalho profissional para o ambiente doméstico (home office) e a virtualização das atividades de ensino, são exemplos desse fato. Contudo, nada disso ocorreu de forma homogênea e acessível para todas as pessoas e tornando evidente que nossa relação com tecnologias é estruturada em contradições e nas lutas que essas contradições geram. Destacamos que as relações tecnológicas não se resumem à interação com o objeto técnico, pois envolvem uma gama de interações sociais que se tornaram a forma prioritária de comunicação entre as pessoas. Ao mesmo tempo, o acesso a esses dispositivos conectados em rede tornou-se uma necessidade urgente, porque o alcance a direitos básicos como educação e renda, se tornaram quase exclusivos por meio das tecnologias.

Segundo o espanhol Manuel Castells (2003), a história da internet é uma “extraordinária aventura de criação humana”, um exemplo de abertura, criatividade e ousadia, pelo desafio de criar uma rede descentralizada. Pierry Levy (2010) exaltou a cibercultura, e a inteligência coletiva como formas sustentáveis de produzir e compartilhar conhecimentos através das conexões sociais, mas a internet não trouxe a democratização que se esperava dela. A rede que deveria ser de todas as pessoas, é explorada por um grandes corporações que dominam a infraestrutura de acesso, de distribuição, de armazenamento e de processamento das informações. Diferentemente do que se esperava, a principal economia emergente das tecnologias em rede tende à centralização e ao monopólio, segundo o professor Yuval Harari (2019).

O distanciamento social, necessariamente imposto para diminuir o espalhamento do coronavírus, limitou a população às suas próprias casas. Em um país cuja desigualdade social é marcante, podemos afirmar que as consequências dessa limitação são bastante severas para famílias de baixa renda, cujas crianças frequentam escolas públicas e residem em periferias e comunidades nas quais os serviços tecnológicos são precários. No ano de 2019, foram registradas 47,9 milhões de matrículas na Educação Básica, sendo mais de 38,7 milhões na rede pública de ensino conforme Censo da Educação Básica (2019), encontrando ali, alimentação e segurança.



Com base nos Indicadores Sociais de Moradia no Contexto Pré-Pandemia de Covid-19, feito pelo IBGE, Diniz (2021) que cerca de 38% da população brasileira tinha alguma vulnerabilidade de acesso à água antes da pandemia, como falta de abastecimento diário ou falta de estrutura de armazenamento.

Junta-se a isso, o relatório da Pesquisa Acesso à internet Residencial dos Estudantes (2021) evidencia a grande desigualdade no acesso à internet e nos tipos de dispositivos usados pelos estudantes para realizar suas atividades, agravados pela falta de políticas públicas para equalizar a situação. Portanto, significativa parte da população escolar está alijada do direito à educação de qualidade, de espaços públicos de lazer e, em situações extremas, de alimentação e higiene de qualidade.

Como alternativa para recontextualizar a própria existência diante de tamanhos desafios para os quais não temos respostas imediatas, no primeiro semestre de 2020 a Biblioteca Comunitária Miro Cairo um espaço de educação popular em que as ações da biblioteca tiveram que ser reinventadas e passou a oferecer apoio pedagógico para que as crianças de famílias socialmente vulneráveis pudessem continuar a estudar e descobrir novos modos de aprender em casa, durante a crise sanitária e, assim, surgiram outras demandas: **Empréstimos de livros** na modalidade delivery; **Entrega de kits para que as crianças pudessem produzir desenhos e fomentar a escrita criativa** - lápis de cor, caderno de desenho, lápis, borracha, giz de cera, canetas coloridas e lapiseira. Dessa maneira, as crianças e adolescentes puderam fazer uso desses itens para produção de forma livre e criativa seus desenhos e textos; **Auxílio nos estudos** - por causa do vestibular e o ENEM, alguns/as frequentadores/as, que estão inscritos na biblioteca, têm ajuda nos estudos com professores/as voluntários e nas inscrições para tentar adentrar à universidade. Os/As matriculados/as nas escolas do entorno tem auxílio nas semanas de provas e reforço escolar; **Distribuição de cestas básicas e máscaras para as famílias**. Algumas imagens retratam algumas ações pontuadas, mas a biblioteca tem seu próprio Instagram¹, que se pode confirmar e ver muitas ações registradas lá.

¹https://instagram.com/bcmirocairo?utm_medium=copy_link



Figura 1: Entrega dos kits e desenhos produzidos.



4



Fonte: A autora (2020).

A Biblioteca Comunitária Miro Cairo conta ainda com o auxílio da comunidade e de voluntários para a manutenção das atividades e do espaço, com crianças atendidas pela biblioteca. Estas crianças são em sua maioria oriundas dos loteamentos Miro Cairo, Senhorinha Cairo, Henriqueta Prates, sendo que no Miro Cairo existem os condomínios do Programa Minha Casa Minha Vida do Governo Federal, denominados de Flamboyant, Jacarandá, Ipê, Acássia e Jequitibá. Em relação às condições socioeconômicas e culturais, pode-se afirmar que a maioria das famílias é de baixa renda. Uma das principais atividades econômicas das pessoas da comunidade é o comércio. Todavia, há os que sobrevivem de serviços informais, que não geram renda fixa ou garantia dos direitos trabalhistas, como, por exemplo, a carteira assinada.

Outro dado que pode ser constatado e que demonstra a renda das famílias destas comunidades é o número considerável de famílias atendidas por programas sociais,

Realização:



Apoio:





relatados na ficha de cadastro na biblioteca, tais como: Bolsa Família, Leite das Crianças, dentre outros. Percebe-se também o baixo nível de escolaridade das famílias assistidas, que apresentam um grande número de analfabetos/as, os quais conseguem, ainda com certa dificuldade, assinar o próprio nome. A maioria possui apenas o Ensino Fundamental incompleto. Poucos/as possuem o nível médio ou superior. De acordo com a realidade brasileira, na qual a biblioteca está inserida, verificam-se, dentre as já citadas, outras características sociais que refletem no processo de ensino e aprendizagem, com destaque para a violência (de várias formas), a desigualdade social, a individualidade, os valores distorcidos, dentre outras.

Com tantas ações já realizadas, ainda com e na biblioteca, ainda carece de empoderar os sujeitos da comunidade de entorno, no sentido de CANDAU et al (2013), ou seja, capazes de uma cidadania ativa, para que o que se conquistou e o que se tem ainda que conquistar, enquanto ações transformadoras da realidade, se concretize, como experiência de (RE)existir. Só assim, acreditamos que podemos ter “Sujeitos sociais reexistindo para resistir”.

PALAVRAS- CHAVE: Sindemia. COVID-19. Biblioteca Comunitária Miro Cairo.

REFERÊNCIAS

CANDAU, Vera Maria et al (Orgs.). O(A) educador(a) como agente sociocultural e político. In: _____(Orgs.). **Educação em direitos humanos e formação de professores (as)**. Apresentação de Aínda Monteiro, Selma Garrido Pimenta. São Paulo: Cortez, 2013, p. 33-53.

DINIZ, Ana Carolina. **IBGE**: população negra com moradia sem água encanada é bem maior do que a branca. Coluna Questão Racial. Portal Geledés. Publicado em 24 de junho de 2021. Disponível em <https://www.geledes.org.br/ibge-populacao-negra-com-moradia-sem-agua-encanada-e-bem-maior-do-que-a-branca/>. Acessado em 30/06/2021.

IDEC. Instituto Brasileiro de Defesa do Consumidor. **Acesso à Internet Residencial dos Estudantes**. (Relatório de Pesquisa). Série Desafios para a universalização da internet no Brasil. Disponível em: https://idec.org.br/arquivos/pesquisas-acesso-internet/idec_pesquisa-acesso-internet_acesso-a-internet-residencial-dos-estudantes.pdf. Acessado em 30/06/2021

HORTON, Richard. **Offline: COVID-19 is not a pandemic**. Amsterdam: The Lancet, v. 396, n. 10255, p. 874, September 26, 2020. Disponível em: Disponível em: [https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736\(20\)32000-6/fulltext](https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736(20)32000-6/fulltext). Acesso em: 28/06/2020.

TORKANIA, Mariana. **Quase metade das escolas não tem todos os itens de saneamento básico**: Dados fazem parte de levantamento feito pela plataforma Melhor Escola. Agência Brasil. Rio de Janeiro. Publicado em 22/06/2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2020-06/quase-metade-das-escolas-nao-tem-todos-os-itens-de-saneamento-basico>. Acessado em 30/06/2021.

5